

O COMÉRCIO DA PÓVOA DE VARZIM

Jornal republicano e defensor dos interesses locais

Quinta-feira, 28 de Abril de 2011 • Ano 107 • N.º 17 • 0,85 € • Director: Manuel Frasco

HORÁRIO: de quarta a segunda, das 15.00 às 02.00 horas

Terroir
wine bar

Av. dos Banhos, Esplanada do Carvalhido, Póvoa de Varzim



VARZIM

Saída de 3 jogadores para o Benfica anunciada antes de partida decisiva

ACTUALIDADE

Balazar comemorou beatificação da "Irmã Alexandrina"

Páscoa poveira: a de agora e a de outrora

Junta de Rates cortou água do "Horta à porta"

Arquivo alarga concurso de design a mais universitários

Torneio "Ovo de Páscoa" mostrou pequenos craques

Naval a uma vitória da subida à 1.ª divisão de pólo aquático

Há mais **crianças** poveiras em risco

A presidente do Instituto Maria da Paz Varzim (IMPV) considera que o **agravamento das condições económicas das famílias** tem provocado um aumento do número de menores em risco. Odete Costa garantiu ao COMÉRCIO que embora as receitas estejam a diminuir, o instituto vai continuar a lutar pela defesa do ambiente familiar como forma de proteger as crianças. Mas, os pedidos de auxílio que chegam ao IMPV têm "aumentado de dia para dia"

PEÇAS E OFICINAS



Mostra de teatro escolar da "Rocha Peixoto" movimenta cem jovens

Maria João Barros

pés & cabeceira
projecto

Exclusiv

Edifício Portas do Parque
Avenida 25 de Abril, 48
Póvoa de Varzim

www.pesecabeceira.pt

O Domingo de Páscoa



José de Azevedo

Se para os cristãos a Páscoa é a maior e mais importante festa da Cristandade, para o poveiro o Domingo de Páscoa é a apoteose da sua fé. Celebrando a ressurreição de Cristo depois de ter sido crucificado, o poveiro desdobra-se em celebrações religiosas, símbolos e tradições. O Domingo de Páscoa é um dia de grande alegria, de são convívio familiar e de prendas. É o dia do beija-mão aos padrinhos, da rosca ao pescoço, do jogo da pela, de roupa a estrear, da casa lavada (outrora esfregada com sabão amarelo), da merenda ao fim da tarde e duma dança com remate à porta de casa.

Na minha juventude, e ainda hoje se repete embora com menos fulgor, a grande festa de Domingo preparava-se no sábado anterior, o Sábado Santo ou Sábado de Aleluia. Na Igreja Matriz, chegada a hora da ressurreição, momento em que Jesus se levanta do Sepulcro, altura em que os sinos são desamarrados e os crepes caem, o sacerdote anunciava a "Aleluia" e as crianças, em grupos, de campainhas na mão, saíam percorrendo os templos da cidade anunciando a boa-nova. Grupos de homens e jovens, com o *tim* das campainhas, chamavam gente às janelas que, alegremente, saudavam a ressurreição do Senhor, enquanto se ouvia o repenicar dos sinos nas igrejas. Em alguns bairros havia queima do Judas, com maior ou menor envolvimento popular, com mais rica ou mais pobre encenação. Li-se o testamento, geralmente com pródigas "doações" aos vizinhos ou governantes. Anos atrás, os "rapazes das campainhas" percorriam as ruas da Póvoa no domingo de manhã, depois passaram a fazer os arruamentos ao sábado à noite, depois das 23 horas. O motivo era o mesmo: anunciar a ressurreição de Cristo, gritando *Aleluia!*, palavra de origem hebraica que significa *Louvai o Senhor*.

No domingo esperava-se a sagrada visita Pascal. Toda a casa tinha um tapete de flores à porta para que o compasso entrasse com grande dignidade. Sacerdotes, leigos e confrades, com cruzes com flores, para a bênção da casa e da família. O compasso era (e é) uma imagem de marca da Páscoa poveira. Não havia rua onde não se fizesse representar. O desfile dos

jovens de rosca (regueifa) enfiada no pescoço, pela manhã, era outro "produto" pascal, hoje caído em desuso pela entrada em cena do pão-de-ló.

Depois do almoço jogava-se na rua o animado jogo da pela. Não sei se noutra terra do país existe este costume, mas a Póvoa sempre o fez na máxima força e com o maior dos entusiasmos, entre velhos e novos, homens e mulheres, ricos e pobres. Só era preciso uma *cachola* (banco) e uma bola. Um grupo lança a bola e o outro, depois de a agarrar, tem de acertar no banco. Vence quem primeiro perfizer 30 *eis* (pontos). "*Esquina bolinha pelas bandas da Caxina*" era a praga habitual. Nos tempos de hoje, e muito compreensivelmente, a pela está a perder força na cidade mercê do arranjo das ruas e do seu movimento automóvel. Pelo fim

O BAILE DE PÁScoa

Enquanto as famílias com menos posses escolhiam a rua para a dança, as mais abastadas organizavam bailes em salões decorados com requinte. A Páscoa sempre era um dia de grande significado. No quinzenário poveiro "O Grilo", um jornal de crítica, humor e crónica social, relatava-se o "Baile de Páscoa da Assembleia Recreativa Povoense" na Páscoa de 1875. Um baile memorável, na sua sede, à Praça do Almada, frente ao Pelourinho, a coincidir com a data do 20.º aniversário da Assembleia. Destaque para a sumptuosa decoração dos salões a cargo do senhor Forte, um dos mais dinâmicos directores daquele clube social. Dizia o jornalista que "nunca vira nada assim": as paredes estavam cobertas com eras entrelaçadas, as luminárias

um pequeno excerto do artigo do jornal "O Grilo": "*Oh! como estava linda e deslumbrante uma jovem silfidica, uma inglesa, pura na transparência, de uma atracção misteriosa, cheia de fascinação angélica, o mais suave da poesia, na mais elegante das formas femininas. A Vénus de Praxíteles, não era mais formosa, nem as madonas de Leonardo da Vinci tinham mais inspiração. Envoltas numa toilette de cisne, ondulam-lhe caprichosos, no dorso, louros cabelos, e seu pai, louco da ufania, revia-se naquela fronte coruscante, de beleza, simpatia e de inocência. Foste a rainha da noite, Arminda Souto. Cingiste mais uma vez a requestada grinalda*".

Era assim que se descrevia uma donzela, que caíra no goto do jornalista, e que na noite do domingo de Páscoa ousava dar o seu pezinho de dança no único clube de diversão da época.

nos de Rosca Enfiada no Pescoço, pode juntar-se ao lote das tradições de domingo da Ressurreição, o Baile de Páscoa, um baile que deve ter tido poucos anos de vida, já que em descrições posteriores do Clube não aparece esta animação.

"O GRILO" E OS OUTROS

O jornal "O Grilo", o tal que relatava gongoricamente o Baile de Páscoa da Assembleia, era um dos muitos jornais que se distribuía na Póvoa no século dezanove, tempo em que as publicações periódicas apareciam como cogumelos, na sua maioria com vida efémera. Para se avaliar a imprensa da época, vamos lembrar algumas das publicações desde 1873 até à implantação da República, em 1910.

O primeiro semanário a ser publicado foi o "Gazeta da Póvoa de Varzim", de Abril de 1870 a Dezembro de 1872. Seguiram-se: "A Metralhadora" (crítico e humorista), Junho de 1873 a Maio de 1874, altura que se fundiu com a "Gazeta da Póvoa de Varzim"; "A Comarca", de Julho de 1874 a Março de 1876; "O Grilo" (crítico, social e humorista) começou em Março de 1875 e em 1889 ainda se publicava; "Echo Povoense", Abril de 1875; "O Clarim" (crítico e humorista), de Julho a Agosto de 1877; "Estrela Povoense", Fevereiro de 1877 e em 1910 ainda se publicava; "O Mosquito" (crítico e humorista), de Fevereiro de 1878 a Fevereiro de 1880; "Comércio da Póvoa", de Março de 1880 a Março de 1882; "A Independência", de Dezembro de 1881 até 1889; "O Povoense", de Julho de 1881 até 1903; "O Melro" (crítico e humorístico), Agosto de 1883; "A Hidra", Junho de 1891; "Facho Verde", Maio de 1885 a Maio de 1886; "Tentamen" (literário), Julho de 1886; "A Aurora" (literário), Julho 1886; "A Praia" (literário), Agosto de 1899; "Coisas e Loisas" (crítico e humorístico), Maio de 1891; "A Coroa", Agosto de 1892; "A Juventude", Janeiro de 1893; "O Liberal", Abril de 1895; "A Propaganda", Janeiro de 1903 (em Dezembro de 1910 ainda se publicava); "O Comércio da Póvoa de Varzim", de 3 de Dezembro de 1903 até hoje.



O Jogo da Pela era um dos momentos mais animados do Domingo de Páscoa na Póvoa

da tarde, acabado o jogo, montava-se um *comes-e-bebes* na sala da frente ou na porta da rua. Um pequeno beberete para quem se "esfalou" a acertar a bola no banco ou a gritar "*Eu te enfeitiço, minha bola de burriço!*". Uma animação pegada e um fartote de rir a tarde inteira.

Ao cair da noite, apareciam os homens da concertina, da gaita de beijos, do bombo e da viola e eis uma modinha valseada para entreter o povo até a hora de recolher a penates. Antes das despedidas, a combinação pré-via para o dia seguinte, a segunda-feira do Anjo, sobretudo na escolha do farnel e dos acompanhantes. O Domingo de Páscoa no meu tempo de jovem era o dia mais animado do ano. Um dia muito especial no calendário da vida. Um domingo diferente que toda a gente ansiava.

(1) estavam dispostas artisticamente por vários recantos da sala e nos mais variados espaços, fora e dentro do salão de baile viam-se vasos com flores lindíssimas, reflectindo-se nos múltiplos espelhos, emprestando ao ambiente um quadro poético carregado de charme.

Embora a decoração fosse deslumbrante, não se poderá dizer que o baile fosse um sucesso em frequência. No enorme salão não estariam mais de vinte damas, todas elas vestidas a rigor e irradiando simpatia, obrigando o lote de mancebos espalhados pela sala a fixar repetidamente aquele majestoso nape feminino, capaz de fazer sonhar o mais púdicco dos dançarinos presentes.

Utilizando a prosa redundante da época, para se avaliar o ambiente do baile pascal, eis

Um clube que juntava as famílias mais prestigiadas da Póvoa, e que andou em bolandas de um lado para outro, até acabar na Rua dos Cafés (onde ainda hoje se encontra) com o nome de Assembleia Povoense.

Resta acrescentar que o baile de Páscoa tinha serviços de *buffet* repetidos durante a noite. Serviço abundante e do mais fino gosto, a condizer com a elegância do evento, sabiamente dirigido e animado pelo senhor Joaquim Martins da Costa, um comerciante distinto, popularmente conhecido pelo *Quim do Cano*, a alma-mater da Assembleia Recreativa Povoense. A orquestra animou o baile até as seis da manhã, hora anunciada pelas sonoras badaladas do relógio sineiro da Matriz.

A juntar ao Jogo da Pela, ao Vira Valseado na rua e aos Meni-

1) A iluminação pública desta vila foi iniciada em 1862, sendo presidente da Câmara Plácido Luís Monteiro e vice-presidente João Pereira Baptista. Cada vereador pagou à sua custa um lampião e o Visconde de Azevedo, que então residia no seu palacete à Rua do Visconde, pagou dez. A princípio era a azeite, passando mais tarde a petróleo e, por fim, a gás.

DECALQUE

"Não entendo alguns políticos, como Macedo Vieira e Alberto João Jardim, que têm uma forma de intervenção autoritária"

Nuno Costa, elemento do PS, na Assembleia Municipal, A Voz da Póvoa

"Nas freguesias, as pessoas têm receio de dar a cara e demonstrar o seu contentamento [sic] com o poder autárquico vigente"

Idem

"Não deve ser apenas privilegiada a zona balnear, como é o caso da freguesia de Aver-o-Mar, que tem recebido muitos fundos, enquanto outras freguesias que recebem milhares de pessoas como Balazar ficam para trás"

José Araújo, presidente da junta de freguesia de Balazar, Póvoa Semanário

"A Póvoa sempre foi uma terra muito conservadora, não obstante, a nível nacional, o PSD nada ter trazido de positivo para cá"

Jorge Machado, candidato da CDU à Assembleia da República, A Voz da Póvoa

"Quais as vantagens competitivas que a Póvoa oferece a uma empresa que queira investir fáce, por exemplo, a Vila do Conde, onde para além de uma quase certa isenção de IMI terá também direito a água mais barata e, provavelmente, acesso a mais uma série de regalias, tais como isenções em taxas e licenças?"

José Carmo, Póvoa Semanário

"É verdade que ao longo dos anos tem havido uma tradição de haver venda ambulante de peixe. Hoje já não é tradição, é uma ilegalidade e as pessoas sabem disso"

Afonso Oliveira, vereador do Pelouro do Desenvolvimento Sócio-Económico, Póvoa Semanário

"Entra o Tone e sai o Zé. Este parece ser o lema de Eduardo Esteves [treinador do Varzim] na hora das substituições"

Póvoa Semanário

"Já não se sabe o paradeiro das medalhas, foram-se perdendo"

Carlos Maio, trineto de Patrão Sérgio, salvavidas, Póvoa Semanário

"Faço de padre, psicóloga e guia turístico"

Conceição Carvalho, trabalhadora num quiosque, Póvoa Semanário

RELIGIÃO

Imagens da Páscoa passada



O padre António Torres, à esquerda

Ângelo Teixeira Marques
Fotos: Maria João Barros

As celebrações pascais provocaram o acostumado bulício entre os católicos que tiveram na Semana Santa diversas actividades programadas pela Confraria do Santíssimo Sacramento cujo juiz é Manuel Milhazes. Esse vasto programa de actividades, culminou no passado domingo com as visitas pascais e, no final, em ambiente festivo, o cortejo até à Igreja Matriz que tem como prior o padre António Torres. De resto, os compassos saíram por todo o concelho e o COMÉRCIO acabou, de forma aleatória, por registar a incursão de uma das cruzes pelas ruas

da freguesia de Terroso. Tal como já tínhamos feito referência, na semana passada, estavam agendadas e realizaram-se diversas procissões e outros actos de fé, como a tradicional visita às igrejas e capelas - "correr as igrejas" - na noite de quinta-feira Santa em que o Museu Municipal da Póvoa de Varzim também esteve de portas abertas para mostrar "uma cena da Via Sacra". Anteontem de manhã, terça-feira, a "Comércio ao Ar Livre" - Associação de Empresários da Rua da Junqueira e Adjacentes, em parceria com a Paróquia de S. José de Ribamar, levou a efeito uma "visita pascal" às lojas cujos proprietários enfeitaram as ruas em frente aos seus estabelecimentos.



Museu esteve aberto na noite de quinta-feira



"Comércio ao Ar Livre" organizou visita pascal



Um dos grupos do compasso na freguesia de Terroso

Argivai com festas da Sra. do Bom Sucesso

Passada a Páscoa, diz o calendário católico que no domingo imediato deve homenagear-se, em Argivai, a Nossa Senhora do Bom Sucesso. De acordo com o Gabinete de Relações Públicas da Câmara Municipal, "é no domingo, dia 1 de Maio, que têm lugar os momentos religiosos mais expressivos. As-

sim, para além da celebração de uma Eucaristia às 11h00, inicia-se, às 15h00, a recitação do Terço com Sermão em acção de graças a Nossa Senhora do Bom Sucesso. A aguardada Procissão sai da Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, às 16h00, recolhendo aí novamente, cerca de uma hora depois."

ACTUALIDADE

Horta da Fonte Antiga sem água

Ana Trocado Marques
Fotos: Maria João Barros

A Horta da Fonte Antiga, em S. Pedro de Rates, está, desde o final de Dezembro, sem água. Os "agricultores" que ocupam o espaço, integrado no projecto de "Horta à Porta" da Lipor - Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto, queixam-se de "má vontade" por parte da Junta de Freguesia de Rates que cortou a água e levou muitos a abandonar o espaço. A Junta, por seu lado, fala em "abuso" e afirma que "no Inverno a água da chuva é suficiente para a rega".

Zulmira e Joaquim Vieira têm, desde Novembro de 2008, cada um o seu talhão na Horta da Fonte Antiga, uma das 16 hortas biológicas do projecto Horta à Porta da Lipor. Para ocupar o espaço, o casal - ele reformado, ela doméstica - fez, entre Outubro de 2008 e Fevereiro de 2009, formação em

agricultura biológica. "Temos courgettes, abóboras, cebola, couve coração, pimentos, salsa, alface, alho, cenoura, tomate, feijão verde, couve-galega e muitas ervas aromáticas", explicou Zulmira Vieira, passeando com orgulho por entre as plantas.

"Este Inverno, no final de Dezembro, a Junta de Freguesia cortou a água e nunca mais a voltou a ligar. Há pessoas que já abandonaram aqui os talhões, porque não estão para investir em sementes e assim e, depois, não terem água. Para ir buscar água, agora, temos de andar 200 metros até à Fonte Antiga e, depois, esperar cinco minutos para encher cada garrafão [porque há apenas um fiozinho de água e é preciso dar à manivela para a fonte funcionar]", explicou Joaquim Vieira, indignado com a situação.

"Não temos saúde para andar a carregar baldes de água para regar e as plantas não aguentam. Tem estado muito calor", continuou ainda a contar



Zulmira e Joaquim Vieira

Joaquim Vieira. "Já há vizinhos aqui dos talhões que abandonaram a horta", frisou, mostrando alguns dos talhões visivelmente abandonados. "Vinha aqui todos os dias. Agora, nem tenho vontade", disse Joaquim Vieira, que já informou a Lipor do caso.

"MUITOS ABUSOS"

De facto, no contrato assinado entre os futuros agricultores e a Lipor, a empresa de gestão de resíduos compromete-se a ter, em cada horta, um ponto de abastecimento de água colectivo (ver caixa), mas, na Horta da Fonte Antiga, a Junta de Freguesia de Rates cortou a água no final de Dezembro.

"Eu mandei cortar a água até ao final deste mês, porque em Novembro e Dezembro, numa altura em que, praticamente, não é preciso água para a rega, havia consumos muito altos. As pessoas levavam água para ca-

sa, lavavam ali os carros, deixavam as torneiras abertas, enfim, havia muitos abusos e a água é um bem escasso que devemos preservar", explicou, ao COMÉRCIO, o presidente da Junta de Rates. Armindo Ferreira considera "lamentável" que Joaquim Vieira se queixe, quando

"até tem um espaço que lhe foi dado" e garante que a medida é mesmo para manter.

A Lipor já lhe pediu esclarecimentos sobre o caso e o presidente da Junta de Rates explicou o motivo do corte: "No fim do mês a água vai ser ligada. Até lá, não há necessidade", rematou.

HORTA À PORTA

"O projecto Horta à Porta surgiu em Julho de 2003. Na prática, este projecto pretende disponibilizar talhões de no mínimo 25 m² a particulares interessados em praticar a agricultura biológica e a compostagem. Ao receber o talhão de terreno, os futuros agricultores recebem também formação em agricultura biológica. (...) Os produtos são para consumo próprio, é disponibilizada água e um local para armazenar as ferramentas. É ainda disponibilizado um compostor individual."

in portal da Lipor



INTERVENÇÃO

25 de Abril sempre, mas à segunda-feira de Páscoa nunca!

Manuel Lopes Neves

A manhã de segunda-feira de Páscoa estava no fim. O dia, em termos climatéricos, apresentava-se esplêndido. Eu, à semelhança de muita gente, caminhava na parte da marginal de Aver-o-Mar que já está concluída, quando um amigo e conterrâneo - já um pouco idoso e (diz-se) com um pequeno problema mental - que se dirigia para norte, de bicicleta, depois de parar ao meu lado, confidenciou-me vir da Praça do Almada triste, porque "pensei que, co-

mo era costume, haveria o 'cicloturismo' do 25 de Abril".

Reparei que o meu amigo trazia uma t-shirt alusiva ao referido evento, mas de 2010, e um semblante próprio de quem estava decepcionado. Expliquei-lhe que, este ano, pelo facto de a data coincidir com a "segunda-feira de Páscoa", alguns tradicionais eventos, por todo o país, foram cancelados e outros mudaram de data para não prejudicar as mini-férias de algumas pessoas, daí ter acontecido também com a nossa Câmara.

O meu amigo, não muito convencido com a minha expli-

cação, disse não perceber porque "as pessoas não são informadas da mesma forma, quando há ou quando se cancela os eventos", adiantando que "no ano passado, lembro-me de ler, na Sede da Junta de Freguesia, o anúncio do cicloturismo que apelava à participação dos averomarenses, incitando-os a demonstrarem a 'força da vila', e sem se deter questionou-me: 'se, este ano, não há na Póvoa não poderia haver em Aver-o-Mar?'. Claro que poderia, respondi, desde que as pessoas organizem, o que não foi o caso!

O meu amigo olhou para

mim demonstrando algum inconformismo com o que acabara de ouvir, deu balanço à bicicleta, rumo a norte, e, com a mão no ar, ao jeito de despedida, atirou, para que eu ouvisse: "25 de Abril sempre, mas à segunda-feira de Páscoa nunca!".

Regressei a casa, e, enquanto almoçava, assisti pela televisão às comemorações do Dia da Liberdade, a partir do Palácio de Belém. Verifiquei que mais parecia um desfile de personalidades, mais preocupadas com outra data (5 de Junho) do que com esta...! Afinal, é graças a essa gente, discursantes do dia

(vejam-se as suas regalias) e grande parte dos convidados (veja-se também), que o país está como está! Se esta gente, quando em funções, fizesse jus às "lindas e efusivas" palavras dos discursos, certamente não precisariam de homenagear o "Banco Alimentar contra a Fome"...

Não sei se o meu amigo assistiu a "este desfile". Se o fez, talvez na próxima me diga que "para o ano, mesmo não sendo na segunda-feira de Páscoa, informar-me-ei, com antecedência, se haverá cicloturismo... e 25 de Abril"! E eu acrescentarei: "que o diabo seja surdo!"